

TERRITORIALIDADE QUEER: TERRITÓRIO E CORPO NO CENTRO DE GOIÂNIA

Áureo Rosa¹

RESUMO

A cidade contemporânea é objeto constante de estudos e reflexões interdisciplinares no ambiente acadêmico e informal no que diz respeito ao fenômeno da decadência dos centros urbanos. Goiânia viu ascender esse processo de forma rápida e devastadora, por se tratar de uma cidade planejada e nova em relação à outras capitais, seu centro entrou em decadência rapidamente, principalmente no período noturno. Os pontos de resistência alavancam um resquício de movimento na região através dos "usos clandestinos", nos quais destacam-se locais em que é identificável uma possível lógica de gênero em suas ocupações. O foco das seções seguintes se concentra na formulação teórica do termo-título: Territorialidade *Queer*, e seus aparatos conceituais dos campos de gênero e território. Seguido de uma análise do recorte em estudo no centro de Goiânia, com foco no Cine Astor. Através de um olhar sensível à questão de gênero será demonstrada a atuação do urbanismo normativo na produção e controle dos corpos abjetos.

PALAVRAS-CHAVE: *Queer*. Territorialidade. Território. Cine Astor. Goiânia.

ABSTRACT

The contemporary city is a constant object of interdisciplinary studies and reflections at both academic and informal environments concerning the phenomenon of the decay of the urban centers. Goiânia saw this process move quickly and devastatingly, as it was a planned and new city in relation to other capitals, its center rapidly declined. The resistance spots leverage a remnant movement in the region through "clandestine uses", in which places a possible gender logic is identifiable in its and are highlighted. The focus of the following sections is on the theoretical formulation of the title term: Queer Territoriality, reporting its fundamental aspects for the understanding of what today presents characteristics of a territorial occupation in the center of Goiania, focusing on the brief analysis of one of these territories: the Cine Astor, through a gender sensitive view, emphasizing the role of urbanism in production and control of abject bodies.

KEYWORDS: *Queer*. Territoriality. Territory. Cine Astor. Goiânia.

¹ Mestrando em Teoria e História da Cidade e do Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. E-mail: aureo.rosasilva@gmail.com

RESUMEN

La ciudad contemporánea es objeto constante de estudios y reflexiones interdisciplinarias en el ámbito académico e informal con respecto al fenómeno de la decadencia en los centros urbanos. Goiânia vio crecer este proceso de forma rápida y devastadora, ya que es una ciudad planificada y nueva en relación con otras capitales, su centro decayó rápidamente, principalmente de noche. Los puntos de resistencia apalancan un rastro de movimiento en la región a través de "usos clandestinos", en los que se identifican lugares donde se puede identificar una posible lógica de género en sus ocupaciones. El enfoque de las siguientes secciones se centra en la formulación teórica del término título: Territorialidad Queer, reportando sus aspectos fundamentales para la comprensión de lo que hoy presenta características de una ocupación territorial en el centro de Goiânia, enfocándose en el breve análisis de uno de estos territorios: el Cine Astor, a través de una mirada sensible al género, enfatizando el rol del urbanismo en la producción y control de cuerpos abyectos.

PALABRAS-CLAVE: Queer. Territorialidad. Territorio. Cine Astor. Goiânia.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos o centro de Goiânia vem sendo palco de um contraste cada vez mais evidente entre o horário comercial e o noturno. Em um contexto de desaceleração econômica municipal, diversos imóveis comerciais foram desocupados² pela alta do preço dos aluguéis e queda de arrecadação dos comerciantes. Ao voltarmos o olhar para o período noturno identifica-se um aumento de usos específicos, que auxiliam para que o centro não se torne inóspito por completo. Aqueles ligados ao sexo e à pornografia são os que se destacam em meio ao contexto central: os cinemas, as casas de shows, os hotéis, as ruas de prostituição, todos eles seguiram uma lógica inversa, enquanto usos consolidados (até mesmo os institucionais), seguiram um movimento de saída do centro em busca de outros pontos mais rentáveis. Neste sentido, o centro como espaço pioneiro, simbólico e ator de diversas intervenções nos últimos anos pode estar deixando de lado seu aspecto histórico/comercial vendo a emergência de novas manifestações que subvertem o funcionamento institucionalizado.

Por mais que esta territorialidade não seja nova, seria ela a causa mor de um processo de intervenções urbanas higienistas? Estamos diante da consolidação ou desaparecimento de uma região do sexo, nos seus mais variados aspectos, dentro da cidade? São questões sobre

² Ver: <https://bit.ly/2NmM6qz>

as quais, este trabalho pretende se debruçar, buscando compreender a dinâmica desta nova territorialidade, e como o gênero e a cidade heteronormativa reforça aspectos de exclusão e marginalização, mesmo contendo territórios ocupados pelos “marginalizados”. Inicialmente, a formulação da territorialidade queer³ como um conceito a ser aplicado em territórios, será explorado partindo de análises precedentes e aplicáveis ao centro de Goiânia. Partindo de alinhamentos teóricos definidores de território e territorialidade, um recorte à ótica de gênero, partindo da teoria queer, estruturará o conceito presente no título.

Entendemos que há um discurso de abjeção aos centros urbanos que se estende à negação relacionada aos corpos que ali circulam e habitam. O processo recente de transformação do centro da cidade de Goiânia tem semelhanças com ações ocorridas em outros centros urbanos, em que muitas vezes se desconsidera preexistências em favor de uma ordem urbana renovada, "revitalizada", formalizada para o consumo e mais afeita aos códigos que circulam no campo hegemônico do urbanismo moderno. Definiremos adiante o território queer⁴ como elemento potente de desestabilização das noções e entendimentos assentados a respeito do lugar em questão.

Territorialidade Queer é formada pela relação entre o lugar e as manifestações nele presentes. Os subtemas seguintes servirão de apoio à formulação conceitual do termo e na constituição das narrativas. Dada a dimensão e a multiplicidade da abordagem aqui proposta, o foco das seções seguintes se concentram na formulação teórica do termo-título: Territorialidade Queer, relatando seus aspectos fundamentais para a compreensão do que hoje apresenta características de uma ocupação territorial no centro de Goiânia. Servirá, sobretudo, para compreender o aspecto social que permeia o centro noturno, observando a dinâmica dos corpos e suas influências no urbanismo. Na prática, apoia o estudo das pessoas objetos de estudo da teoria queer e suas manifestações territoriais no recorte, com foco em suas ocupações.

Escolhas metodológicas pela não-linearidade - seja temporal, seja temática - em que a multiplicidade de termos e campos teóricos que se entrelaçam. O próprio título abarca assuntos

³As interações, manifestações e práticas sociais em que necessariamente há questionamento ou reforço das identidades sexuais construídas na contemporaneidade, que levam à criação de territórios *queer*, de abjeção e clandestinidade.

⁴Corrente política de pensamento que lida com gêneros e sexualidades como socialmente estabelecidos. Territorialidade: manifestações, práticas e expressões que classificam um território como apropriado por determinado grupo.

no urbanismo e filosofia, mas que são contemplados por outras áreas como a antropologia, geografia e sociologia, neste caso, a materialização visual da relação de proximidade, distância, intersecções, ligações e englobamentos, facilita a leitura deste trabalho além de delimitar qual a visão que adotei ao analisar o espaço físico. Após a definição da teoria que envolve a dissertação, serão apresentadas as primeiras hipóteses em relação ao recorte estudado, alinhando as novas intervenções e contextos de outras metrópoles, aplicando a dimensão urbana à territorialidade *queer*, com foco no território próximo ao Cine Astor. Visto a presença de uma ocupação fortificada nos últimos anos, este artigo auxilia, tanto na possível aplicação do termo em outros contextos, quanto nas influências da presença dos corpos dissidentes no centro de Goiânia, sejam urbanísticas, sejam aos próprios corpos.

Como um processo de auto-construção, este trabalho pretende embarcar nos territórios ligados à questão de gênero que hoje ditam o ritmo noturno do centro de Goiânia. Parto de experiência pessoal como um usuário dos espaços do dia e da noite, testemunha de suas conversões ao longo do tempo recente. Teixeira (2013) descreve o processo de escrita auto-narrativa como escrever sobre si e, simultaneamente, sobre parte do que nomeia corpos dissidentes.”, entende-se a escrita aqui presente como um dos primeiros relatos acadêmicos sobre o tema neste recorte, realizado por quem tem possibilidades de estar entre estas pessoas por um bom período. O modo de observação adotado nas incursões, leva em consideração essa experiência prévia, colocando o observador como um corpo-participante, ativo e agente transmissor da voz dos corpos presentes nesta territorialidade. Uma observação à distância, não imersiva e observando apenas o território e seus corpos à distância, desconsidera a premissa fundamental da existência destas movimentações, dinâmicas e territorialidade: a inter-relação corpórea dentro dos territórios “clandestinos”. Desta forma, o corpo-pesquisador é sobretudo, um dos corpos no contexto da territorialidade que será elaborada nos capítulos seguintes.

A figura do corpo-pesquisador, busca sintetizar as experiências e relações obtidas anteriormente, direcionando um olhar à partir dos corpos, para o meio acadêmico. Para além dos preconceitos direcionados às práticas, a clandestinidade que envolve a geografia sexual do centro goianiense e a exposição que marginaliza os corpos aqui representados, este trabalho pretende teorizar, nomear e levantar discussões iniciais para a existência desta territorialidade para que esta se encontre representada em meio aos estudos acadêmicos produzidos sobre o centro.

TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADES

Territorialidade está sendo considerada como algo que ultrapassa qualidades físicas, englobando as manifestações presentes em determinado recorte. Ao adentrar no conceito de território, diversos autores privilegiam dimensões diferentes que interferem na ordem de percepção do espaço físico-social. Souza (1995), destaca as dimensões políticas e relações de poder, indicando que o poder não se restringe ao Estado, sendo formado por grupos sociais que formam territórios a partir de conflitos culturais. Sua abordagem transpassa a noção de território vinculado ao Estado/Nação, considerando esta uma consequência das dominações intra-grupos.

Haesbaert é quem mais se aproxima de nossa abordagem. Atentando-se às dimensões sociais, de apropriação e aspectos históricos, distinguindo espaço geográfico de território. Na prática, o território de análise não se limita ao espaço geográfico do centro como bairro de Goiânia, mas à dimensão social e aos elementos que integram determinados usos e usuários. Haesbaert se coloca como adequado à análise, pois considera as relações de poder presentes no espaço geográfico, aspecto fundamental por onde passa a territorialidade aqui desenvolvida, e principalmente as dimensões subjetivas, denominadas como consciência, apropriação, identidade territorial ou dominação do espaço, dependendo dos instrumentos de ação político-econômica. (HAESBAERT, 2007, p.42-43).

Existe uma ordem de leitura na qual a apropriação de um grupo através de suas manifestações sob determinado espaço seriam o ponto de partida para a formação de uma territorialidade. Inicialmente, ao compreender a existência da Territorialidade Queer aqui proposta, é de suma importância a noção de território como espaço/ambiente construído ao longo de um tempo em que coexistem processos sociais e históricos, como descrito por Saquet (2010), como ambiente de dominação, relações de poder e apropriação, tal qual escrito por Haesbaert (2007), e oposto à observação panorâmica de seus objetos.

Estamos diante de uma ocupação no centro que ultrapassa os limites físicos, em que as relações de poder e domínio sob o território ocorrem de forma diferente à ocupação comercial na qual o centro diurno é enquadrado, como trazido por Correa, Paula e Pinto (2005). Mais do que elaborar a geografia sexual noturna da região, a territorialidade se atenta aos aspectos intangíveis ao urbanismo normativo, aqueles pelos quais um determinado grupo se apropria do recorte, estabelecendo dinâmicas próprias não planejadas, pois, mesmo após um longo processo de esvaziamento e abandono, manifestações noturnas ainda persistem em um

horário em que a não permanência prevalece com usos e características em comum.

TERRITORIALIDADE *QUEER*

A ocupação noturna da cidade vem entrando nas pautas de políticas e reivindicações de grupos organizados em alguns centros, geralmente reivindicando um olhar para além do contraste noite-dia. Os “territórios *queer*” servem como chave interpretativa na direção de práticas urbanísticas mais diversas e plurais. Locais em que uma ótica de gênero auxilia na elaboração de um pensamento da cidade “além-dia”, na qual o sexo, pornografia e prostituição passam a ditar dinâmicas próprias de apropriação do traçado urbano. Ao se criar um conceito de Territorialidade *Queer*, em paralelo, há a referência de um território queer, ou seja, espaços apropriados por pessoas queer. Locais e usuários que não se enquadram em conceitos estabelecidos de gênero, que transcendem e transgridem formando territórios de “abjeção” e resistência. Os espaços que resistem neste meio noturno urbano são aqueles que se colocam como alheios ao capital e a heteronormatividade – sendo que o próprio corpo pode ser um destes espaços (PILE, 1997, p. 1-32).

Para compreender como a teoria queer foi formulada e como lida com os “corpos abjetos”, uma síntese do queer por suas correntes de criação, seguido por sua aplicação aos termos territórios e territorialidade serão realizadas a fim de aplicar uma crítica à normatividade e homogeneização dos espaços inerente ao urbanismo moderno. O queer servirá base para um recorte territorial partindo da identificação de uma territorialidade, o que será alvo de pesquisas e indagações ao longo da dissertação, atentando-se aos aspectos impalpáveis do território que levam os “corpos queer”, à apropriação de um traçado urbano já consolidado de uma metrópole.

QUEER: ASPECTOS TEÓRICOS

Os corpos abjetos são objeto de estudo constante da Teoria Queer, campo elaborado por Judith Butler, que lida com o gênero como algo cultural. É uma corrente política de pensamento com o olhar além dos gêneros binários hétero-homo, crítica aos regimes de normatização que caracterizam os gêneros como normal-anormal. A Teoria Queer como modelo de estudo, não se pauta apenas em estudar sexualidades tradicionais, mas pelos “abjetos”, aquelas pessoas que não se enquadram em nenhuma modelo pré-estabelecido. O

tratamento da sexualidade como social e não biológico, modificou o foco de visão, centrando-o nos sujeitos marginalizados, sem categorizá-los em conceitos genéricos. A teoria busca se opor às “generalizações corpóreas”, uma vez que o corpo - quando considerado anterior ao discurso generalista e passivo às definições - não se enquadra na definição de construção cultural do sexo/gênero (BUTLER, 1990, p. 223).

Ao criticar os binarismos, Butler (1990) desenvolve a ideia de gênero como uma estilização contínua do corpo, agindo como regulador e normatizador do que seria natural ou não, do ponto de vista sexual. Salih (2017), nomeia as regulações como um “script”, no qual o sujeito é guiado socialmente, ditando maneiras convencionais de se comportar mediante escolhas naturais. A partir da adoção do “script”, surge em Butler a ideia de performidade (ou simulação), indicando que as expressões ligadas ao gênero, não necessariamente são inerentes ao ser, mas performadas por alguém que “atua” como determinado gênero: “Não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero; a identidade é performaticamente constituída pelas próprias ‘expressões’ que supostamente são seus resultados” (BUTLER, 1990, p.25). Performidades seriam aquelas expressões ligadas ao sistema sexo-gênero, reproduzidas à partir de convenções normatizantes.

Segundo Louro (2016, p.39), queer é um termo que pode ser traduzido por estranho, ridículo, excêntrico, sendo utilizado de forma pejorativa com que são designados homossexuais. Carrega uma carga de estranheza e deboche, ao mesmo tempo que é adotado por vertentes de movimentos homossexuais para representar contestação e oposição à heteronormatividade compulsória da sociedade. Salih (2017, p.21), indica que Butler ao conceituar o *queer*, está menos interessada na individualidade do sujeito – e ou seja, a quem o queer se refere – e mais no processo em que o indivíduo se insere para assumir sua posição. Isso indica que o termo se aproxima muito mais à dualidade entre abjeção e sua adoção pela militância, frente a gêneros ou recortes de sexualidade específicos. A autora ressalta que “sexo e gênero são efeitos - e não causas - de instituições, discursos e práticas” (SALIH, 2017, p.21), ou seja, queer não define um sexo, mas sim um sujeito que foi marcado pelas convenções heteronormativas institucionais. Desta forma, a teoria não investiga os sujeitos com binarismos definidos socialmente, e sim aqueles corpos que, por conta da generalização binária, se tornaram abjetos publicamente.

Abjeção, para Miskolci (2016, p.24), refere-se “ao espaço a que a coletividade costuma relegar aqueles e aquelas que considera uma ameaça ao seu com funcionamento, à ordem social e política”. Os abjetos, neste caso, ultrapassam a ideia da homossexualidade, referindo-

se à corpos que, pela sua condição sexual passam a ser ameaçados por uma lógica de relações de poder político-sociais com uma visão homogênea e estável da sexualidade, visão esta, fortificada nos anos 1960 após a epidemia de AIDS vigente. Salih (2017), argumenta que a teoria de Butler causa perturbação, no momento em que questiona a categoria de “sujeito”, colocando-o como objeto a ser construído e performativo; e ao indicar possíveis modos de alterar as identidades sexuais, que causam ainda mais abjeções por parte de quem está interessado na preservação das oposições binárias.

A teoria *queer* e sua forma de lidar culturalmente com os corpos abjetos são a base para a compreensão deste usuário noturno do centro, enquanto a contrassexualidade aparece como crítica aos usos, compreendendo que mesmo ativadores da região, com aspectos positivos de apropriação urbanística, reforçam uma cultura predatória do sexo, na qual há a inferiorização de determinados gêneros. Pelo fato de corpos masculinos serem majoritários no recorte, existe determinado reforço de uma cultura exploratória, mesmo que estes também sejam abjetos. Butler aparece como ponto chave para compreender essa territorialidade abjeta.

Ao aproximar a teoria *queer* dos conceitos territoriais propostos anteriormente, conectados fundamentalmente pelas performidades/manifestações dos corpos abjetos, são elas as geradoras de territorialidades por criarem elementos de apropriação, uma vez que a presença deste corpo no território, é performático e contestador no sentido da heteronormatividade. Alinhado ao momento em que os corpos passam a performar e usufruir do território, com elementos de territorialidade, se constitui um território de abjeção (ou, como será chamado: território *queer*), podendo estar em conjunto com demais territórios similares, constituindo uma geografia sexual (abjeta).

TERRITÓRIOS *QUEER*

A concepção da sexualidade como tecnologia, ou seja, como um sistema programado para a naturalização das práticas sexuais, coloca as denominações culturais dos elementos do sistema sexo/gênero como agentes centrais para uma sociedade sexual predatória em que os corpos abjetos se apropriam de espaços e regiões para formar zonas e rotas em que seja aceitável sua presença à vista (PRECIADO, 2015, p.15). Segundo Miskolci (2016, p.42), “as ordens arquitetônicas são tecnologias de construção de gênero, de discriminação”, nisto, as concepções urbanísticas de ordenamento e homogeneização de práticas, sobretudo as comerciais, acabam por naturalizar os gêneros heteronormativos, consequentemente criando

territórios de abjeção urbanas. Estes territórios, no caso do centro goianiense, possuem maior força no período noturno pois surgem num vácuo proporcionado pelo horário comercial que leva o recorte a um esvaziamento. Podem ser analisadas como dissidências que se contrapõem à uma visão de ordenamento urbanístico pré-estabelecido na qual a região foi construída.

Voltados ou não à naturalização do consumo sexual, os territórios centrais em que hoje há a presença de grupos formados são ligados a essa tecnologia de normatização dos corpos sexuais. O território *queer*, no entanto, não necessariamente é um espaço físico delimitado e com presença de diversidade de gênero. É um local em que o processo político-cultural levou à presença majoritária, hoje, de corpos sexuais abjetos e performático, que servem de questionamento teórico, tanto ao funcionamento hétero-comercial-diurno da cidade, quanto às apropriações urbanas ligadas ao sexo⁵.

O território em questão, só passa a ser considerado *queer*, abrigando “abjeções culturais”, quando as *performidades*⁶ passam a ocorrer de forma sistêmica e organizada. De modo geral, se há territorialidade destes corpos, há necessariamente um território constituído, mas não o oposto. Coexistem diversos territórios no recorte estudado, mas nem todos possuem territorialidades e apenas alguns podem se enquadrar como territórios-*queer*, somente aqueles em que há abjeção gerada pela cultura heteronormativa às manifestações dos corpos abjetos. A permanência desses corpos como se colocam no presente é resultado de diversas disputas territoriais por pontos ligados ao consumo sexual, configurando hoje a territorialidade do sexo no Centro de Goiânia.

Preciado (2015), exemplifica sistematicamente em sua obra, os intensos processos de desconstruções sociais para a construção de novas fundamentações da visão sobre o sexo. A “sociedade contrassexual” seria um ideal em que as categorias biológicas, vinculadas a masculino e feminino, dariam lugar à “registros abertos à disposição dos corpos falantes no âmbito de contratos consensuais temporários” (PRECIADO, 2015, p.35). Esse rompimento é formado a partir da aproximação da teoria *queer* à desconstrução, afirmando que para toda construção equalitária nesta sociedade, são necessários sistemáticos rompimentos e

⁵Cinemas pornôns, casas de show, saunas, hotéis baratos e rotas de prostituição.

⁶O conceito foi adaptado por Judith Butler para descrever como o gênero é produzido como efeito de um regime regulador que requer a repetição ritualizada de formas particulares de comportamento (SPARGO, 2017, p. 53).

desconstruções. Por vezes, o Manifesto Contrassexual, se aproxima da noção desconstrutivista, não como um agente atenuador das consequências, como a abjeção, mas como um caminho para a quebra do “script” sexual imposto.

NEXOS ENTRE CIDADE E TERRITORIALIDADE *QUEER*

Com o processo atual de retomada do centro acentuadas pelas intervenções urbanas de mobilidade à restauração de patrimônios, novas seguintes territorialidades podem se formar alinhados ao processo de gentrificação (vide valorização imobiliária pós-obras), causando uma ruptura da historicidade do processo de consolidação da territorialidade *queer* no território em que se estabeleceu nos últimos anos. A migração e difusão por regiões próximas ao centro pode ser um caminho a ser trilhado pela desterritorialização *queer* para outras territorialidades emergentes, como o novo polo comercial da região da 44⁷.

Os possíveis caminhos para evitar esta difusão passam primeiramente pela consolidação e aceitação dos territórios *queer* em uma região que deve sofrer com a elitização imobiliária nos próximos anos. Mas mesmo que a proposição da coexistência seja feita de modo a privilegiar os abjetos, estes teriam que se adequar às condições, mesmo que mínimas, impostas pelas institucionalizações. Muitas vezes as consequências ligadas à coexistência são a higienização seletiva⁸, obrigando os corpos abjetos à performar como os binários, ou uma glamourização temática⁹. Ambas elevam ainda mais a exploração sexual comercializando-a até onde é possível em um contexto heterossexual. O provável caminho da expulsão territorial não é menos nocivo.

A ideia fundamental para a crítica urbanística a ser traçada aqui está baseada nos pressupostos mencionados de De Certeau (2008), da tentativa de uma “visão total” no processo de concepção dos espaços urbanos. Juntamente com Lefebvre (1993), Certeau aborda consequências deste tipo de atuação urbana nas cidades citando o aparecimento de anormalidades, fissuras, manifestações e resistências. No contexto dos centros urbanos das cidades brasileiras, Fernandes elabora quais seriam os indícios iniciais do aparecimento dessas consequências relacionando-as aos “vazios construídos”, como sendo áreas urbanas que perderam função e vitalidade (2013, p.86). O surgimento destes vazios

⁷Ver: <https://bit.ly/2IT8FBv> e <https://bit.ly/33IOP4f>

⁸Como no Red-light District em Amsterdã. Ver: <https://bit.ly/2PrF4Dk>

⁹Como no projeto da Cidade do Sexo (RJ), por Igor de Vetyemy. Ver: <https://bit.ly/2MYa6RD>

está ligado à forma de atuação das “cidades corporativas”, nas quais atuam forças de produção de espaços ligados diretamente à corporações, atuando principalmente na produção de novas centralidades no tecido urbano.

Colocadas as consequências da forma de atuação deste urbanismo normativo, os territórios surgidos na brecha do sistema de construção do espaço passam a configurar resistências que necessariamente devem ser controladas por outras intervenções. Ou seja, o próprio sistema que produz estas fissuras acaba por justificar novas atuações através de suas existências. A continuidade entre poder e estratificação social gera, a cada combinação, uma nova forma de urbanismo por entre seus paradoxos (FERNANDES, 2013, p.88).

Desta forma, o ponto de encontro entre as fissuras, as marginalizações e os corpos que exercem podem contrários são os territórios ocupados no contexto de produção homogênea, capitalista e altamente funcionalizada, mas sintetizam as contradições deste sistema a partir dos corpos ocupantes. Não são espaços onde há sobreposição de poderes, mas onde necessariamente há uma exemplificação dos conflitos gerados pela contradição de seus exercícios. Quando Miskolci menciona as ordens arquitetônicas, é possível traçar indícios da tangência à crítica urbanística presentes nas obras de Butler e Preciado. A presença dos corpos abjetos provoca aos demais desconforto ou mesmo temor, uma vez que sua presença constitui um exercício de poder contrário à produção heterocêntrica, hegemônica e normativa do espaço urbano (2016, p.24).

Preciado (2011), considera a forma de poder atuante sobre corpos e espaço no contexto capitalista como “ação biopolítica”. Uma das ações de dominação dos corpos é nomeada como “sexopolítica”, na qual o sexo e suas variadas determinações são considerados no ato de exercício de poder. Ao mencionar as diversas dissidências sexuais provenientes das ações biopolíticas, Preciado indica que os diversos corpos que fogem às normatizações, se apresentam em tanta quantidade de minorias sexuais, que se tornam “multidões”, e são essas multidões no espaço urbano, quando consideradas monstros sexuais, tornam-se queer. Estes corpos, são centrais em um processo de “desterritorialização” da forma de produção espacial baseada na heterossexualidade, não só dos espaços segregados no tecido urbano (guetos e periferias), mas do “espaço majoritário e o “espaço corporal” (2011, p.14).

Preciado, Butler e os diversos estudos que teorizam sobre os corpos abjetos, os colocam como objeções produzidas pelo espaço (e suas formas de planejamento) e produtores de ressignificações espaciais (resistentes). Ocupar um território produzido para corpos

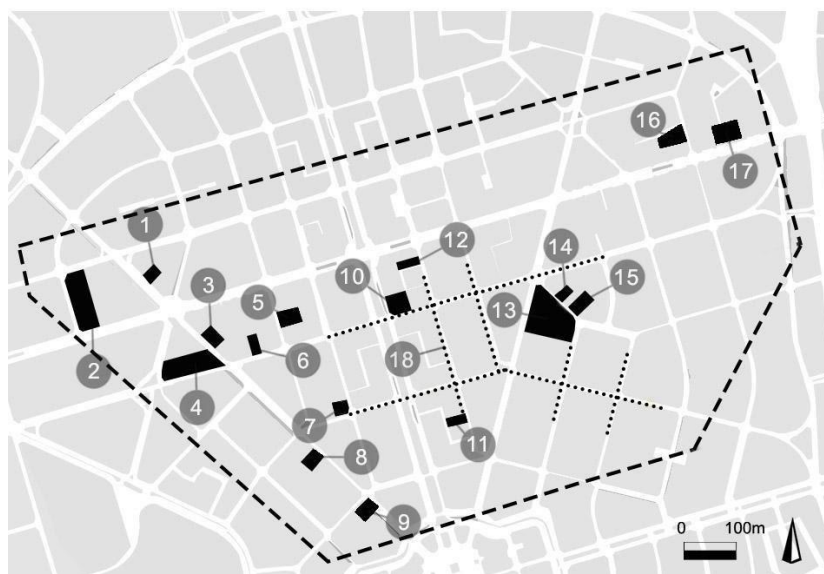
normatizados, através de diretrizes homogêneas de uso e sem a consideração das diversas manifestações e conflitos inerentes à interação social, é a forma de resistência mais potente. A ressignificação destes territórios, os colocam como inseridos no contexto sob o qual foram criados, mas com paradoxos e inscrições de gênero próprias, sintetizando em si a crítica à produção urbanística normativa.

CENTRO DE GOIÂNIA

Os espaços em estudo são considerados ambientes em que processos sociais diversos permeiam seus limites durante sua formação temporal, espaço biofísico possuidor de relações de poder e domínio compreendidos apenas após uma visão não-panorâmica de análise. De modo geral, cada um destes territórios abriga fragmentos da territorialidade *queer*, seja por suas relações de gênero poder entre os corpos dissidentes, seja por sua influência na movimentação dos corpos dentro da geografia sexual. Neste sentido, a territorialidade queer é constituída de territórios *queer* - com territorialidades próprias e afins - que apresentam trechos que compõem uma dinâmica maior. São definidos como *queer* por possuírem uma dinâmica indissociável à questionamentos trazidos pela teoria apresentada anteriormente.

Os territórios queer de uso representam aqueles em que o equipamento possui uma funcionalidade “oficial” voltada à territorialidade queer, constituídos por cinemas pornô, casas de show e boates gay. As ocupações de ruas e locais públicos que abrigam formam os territórios queer de apropriação, enquanto os territórios privados com uso estabelecido (como shoppings, banheiros públicos e lan houses) mas que servem de ponto de encontro entre corpos para a realização de atos sexuais formam os territórios queer de pegação. Foram identificados no período entre 2018 e 2020 sete territórios privados. Como acontece frequentemente dentro desta territorialidade, a mudança de nomes, local, fechamento e abertura de novos espaços privados dita o ritmo das demais ocupações nos territórios de apropriação. No mapa a seguir (Fig.1), é possível visualizar a disposição dos territórios.

TERRITÓRIOS-QUEER (2015-2020)



- | | | |
|----------------------------|----------------------------|----------------------------------|
| 1 - LAN HOUSE A | 7 - Yes Bar & Pub | 13 - Banheiro Shopping Araguaia |
| 2 - Supermercado Bretas | 8 - LAN HOUSE D | 14 - LAN HOUSE F |
| 3 - LAN HOUSE B | 9 - Athena Pub | 15 - Sauna Très Chic |
| 4 - Banheiro Vila Cultural | 10 - Banheiro Grande Hotel | 16 - Benzinho e Cine Santa Maria |
| 5 - Cine Astor | 11 - Babylon Pub | 17 - Cine Apollo |
| 6 - LAN HOUSE C | 12 - LAN HOUSE E | 18 - Feira do cu |

FIGURA 1: Territórios-queer dentro do recorte de estudo localizado no centro de Goiânia. Elaboração do autor, 2020.

CINE ASTOR

Não há precisão bibliográfica quanto à inauguração do Cine Astor no centro de Goiânia. É provável que sua abertura tenha ocorrido entre os anos 1970 e 1980 pelos relatos recolhidos. Localizado na Rua 9, seu uso era voltado à exibição de filmes populares até o primeiro semestre de 2012, neste período, me recorde de comentários acerca da negociação para a compra do espaço por uma pessoa próxima e a ideia formulada de transformá-lo em um cinema adulto. Na época, o Cine Ritz - o único cinema de rua não-pornô ainda aberto no centro - conseguia se manter frente à multiplicação de salas de cinemas em shoppings-center da cidade. O Ritz corria atrás de um processo inevitável de modernização, centralização e monopólio de grandes redes de cinema. Em meados dos anos 2000, acompanhei pessoalmente o dono em retiradas dos rolos dos filmes - que chegavam às centenas de quilos - em armazéns do aeroporto de Goiânia.

Transformado em cinema adulto em 2006, foi comprado pelo Ritz e reinaugurado em 2012 após breve adaptação. Como estratégia de diminuição de concorrência, foi mantido como

cinema pornô para que o novo proprietário atingisse os dois públicos. Como herança dos tempos de “censura livre”, o Cine Astor possui uma vantagem frente a outros cinemas pornô que já existiram por possuir uma estrutura capaz de atingir um público que à primeira vista não seria alvo de um mesmo local. A grande sala de exibição permanece a mesma, enquanto o andar superior passou a abrigar uma sala menor, além da darkroom que substituiu o escritório que hoje funciona na antiga sala de projeção. Com o fim do maquinário volumoso para exibição de filmes, as salas se tornaram em parte inutilizadas.

A presença de duas salas de exibição permite o cinema não ser voltado exclusivamente ao público homossexual. O funcionamento usual é voltado à exibição de filmes para “homens-hétero” no térreo, enquanto o público gay ocupa o segundo andar. Porém, não é viável o enquadramento de gênero nos termos descritos: muitos dos corpos que frequentam o espaço quase frequentemente se misturam nesta lógica de utilização. Nunca foi incomum ver a presença de homens aparentemente casados frequentarem ambas as salas e serem acompanhados no darkroom. O local proporciona a presença de corpos “enrustidos” por sua descrição. Por mais que seja um cine-pornô, é possível passar pela porta sem perceber do que se trata, como se fosse mais um comércio como os lotes vizinhos. Nunca há fila e o silêncio entre o hall de entrada e a bombonière são condições perfeitas para a distração do movimento externo.

É possível considerar que a localização do Astor esteja em um dos extremos em relação aos limites territoriais da territorialidade em estudo. A quadra onde está presente é limitada pela Rua 3, na qual se concentra diversos equipamentos ligados à territorialidade *queer*: da Rua do Lazer ao início de um território de apropriação pela prostituição. Algo que é comum à territorialidade, é a fluidez e transitoriedade da ocupação dos corpos do centro no decorrer de um período (Fig.3). Em meados de 2015, o território do Astor estava dentro dos limites de uma territorialidade caracterizada pela forte presença corpos-mulher¹⁰. Em alguns relatos colhidos, estes corpos acabaram migrando para outras regiões devido a conflitos territoriais com os prostitutas que hoje ocupam majoritariamente o espaço. Neste sentido, o

¹⁰ No texto de Kofes, há a apresentação de gênero como as características analíticas e sociais atribuídas aos corpos. Neste caso, como pesquisador que observa estes corpos, utilizo a denominação de Pereira (2006) para analisar a multiplicidade de relações sexo-gênero dentro dos corpos abjetos em oposição à denominação homem-mulher. Nesta definição há uma inclinação ao que Kofes e as ciências sociais em geral denominam como Gênero, ou seja, independente do sexo biológico a denominação se refere à como corpos se apresentam socialmente no caso: corpos-homem, corpos-mulher ou corpos-não-binários.

Cine Astor foi favorecido por uma ocupação de corpos masculinos durante alguns anos, sofrendo posterior desvinculação parcial no último período em estudo devido a uma migração da ocupação para a região mais à leste, principalmente por intervenções e estabelecimento de mecanismos de controle espacial inseridos recentemente.

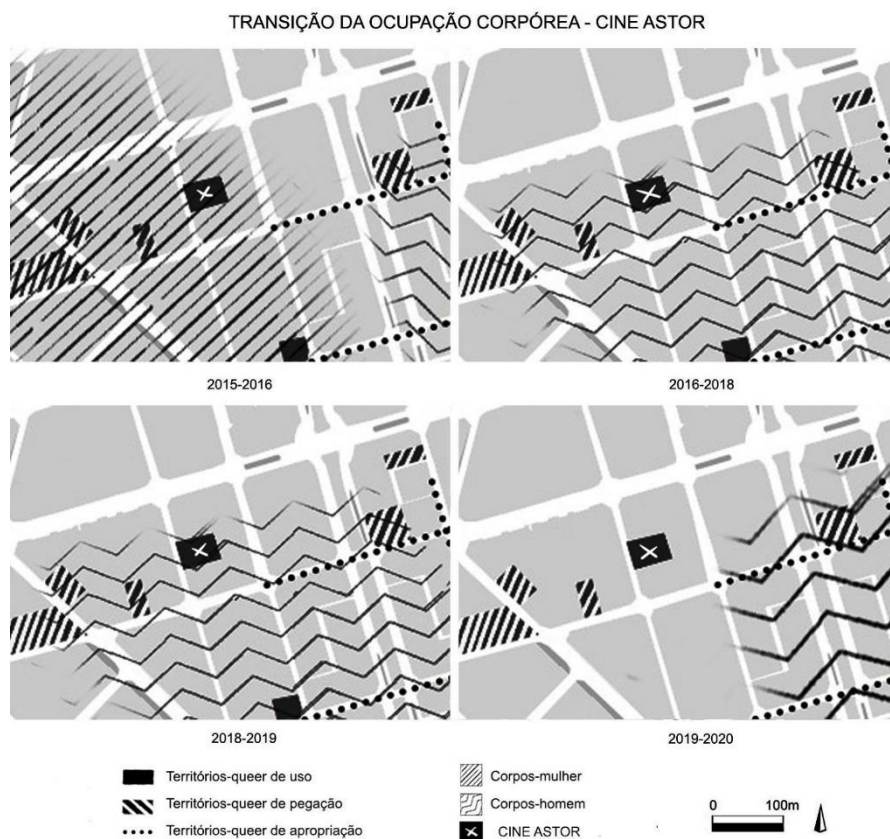


FIGURA 2: Ocupação corpórea no entorno do Cine Astor (2015-2020). Elaboração do autor, 2020.

Astor exercia função de auxílio na permanência de ocupação mais a oeste, na temporalidade entre 2016-2018, na qual corpos-homem ocupavam majoritariamente a região do entorno (Fig. 2). Neste período, a presença de boates gay como Athena e Yes, próximos ao Astor, exerciam com mais afinco esse protagonismo territorial por serem espaços com concentração numerosa de corpos. Seus fechamentos em meados de 2018 evidenciaram mais uma transição ocupacional na qual a territorialidade *queer* se insere.

Entende-se que o cinema em questão é considerado um território queer pois engloba relações gênero-corpóreas que podem ser analisadas sob o olhar questionador da teoria *queer*. A própria relação entre corpos enquadrados em uma normatividade binarista, muitas vezes através de ato sexual, coloca em cheque a normalização na qual estes corpos se

inserem. A normatividade não parte exclusivamente dos frequentadores, muitos deles a reproduzem como discurso de reforço à masculinidade mesmo quando relacionam-se com gays. A separação rígida de salas de exibição destinadas à determinado corpo normatizado são influenciadas pela lógica comum da geografia sexual das cidades, na qual os dispositivos arquitetônicos, bem como os agentes de exercício de poder, estabelecem controle frente às relações abjetas no tecido urbano.

Os corpos frequentadores, como já se inserem em lógicas normativas de masculinidade, reproduzem as lógicas internas do cinema visando a preservação de uma “normalidade” entre os agentes. A normalidade, por sua vez, auxilia na manutenção da masculinidade destes corpos perante suas relações externas ao cinema, cabe ressaltar que muitos dos frequentadores se dizem heterossexuais.

CONCLUSÃO

Os territórios-queer - como o Cine Astor - podem ser considerados uma insurgência resistente. Caracterizado como um dos territórios de fissura no funcionamento urbano normativo de Goiânia que forma a nomeada Territorialidade *Queer*. Através da contextualização seguida de uma observação dos corpos que permeiam cada um destes espaços, é possível elaborar uma análise crítica ao urbanismo realizado ao centro. Mais do que um contexto territorial e um relato de experiências, os territórios *queer* nos auxiliam na compreensão sobre como os poderes hegemônicos atuam no espaço urbano de Goiânia e nas relações de poder dos corpos dissidentes. E para além de somente inseri-los como elemento deste processo é necessário elaborar quais os possíveis “tipos de resistência” exercidos nestes espaços, compreendendo como esta nova forma de urbanismo mencionada por Fernandes (2013), se apresenta de forma prática no espaço e quais são seus atores. Esse entendimento por completo do processo de formação da territorialidade é fundamental para antever como se darão possíveis futuras intervenções, auxiliando no processo de consolidação das resistências no espaço.

Uma vez que há a presença de múltiplos corpos do ponto de vista dos estudos de gênero apresentados, cada um deles possui formas de adequação às regras estabelecidas pelos poderes hegemônicos atuantes no espaço urbano. Não se trata aqui de diferentes corpos que exercem diferentes regras de funcionamento aos territórios, mas corpos que

utilizam as regras estabelecidas como afirmação de sua própria sexualidade. Assim, o espaço de conflito entre as diferentes normas não necessariamente coloca-se fisicamente no Cine Astor, por exemplo, mas na própria corporeidade do indivíduo. O espaço seria o agente que infere a fragmentariedade à normatividade do indivíduo.

Territórios marginalizados que apresentam ruptura com a homogeneização tendem a ser deixados de lado no campo urbanístico, mesmo aqueles que visam a apropriação e retomada de centros tradicionais. A diretriz de apropriação, por vezes, busca a coexistência (de espaços e usuários), desconsiderando o aspecto fundamental para a existência destes territórios: a clandestinidade. No contexto central as performidades representam a ruptura que garantem sua presença no território que também é heteronormativo. É a permanência dos corpos abjetos sem que os espaços sejam considerados territórios homogêneos que permite a existência de uma territorialidade *queer* mas não extingue sua vulnerabilidade à atuação de expulsão político-institucionais.

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. **Gender Trouble: feminism and the subversion of identity**. London: Routledge, 1990.

BRAZ, C. A. **À meia-luz: uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculinos**. Goiânia: Editora UFG, 2012.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de Fazer**. 15ª ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2008.

CORRÊA, R. L. **Trajetórias Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

FERNANDES, A. Decifra-me ou te Devoro: Urbanismo Corporativo, Cidade-Fragmento e Dilemas da Prática do Urbanismo no Brasil no prelo. In: S. GONZALES, A. PAVIANI, J. FRANCISCO. (Org.). **PLANEJAMENTO & URBANISMO na atualidade brasileira**. Objeto, teoria e prática. 1 ed. São Paulo, Rio de Janeiro: Livre Expressão, v. 1, p. 83-108, 2013.

FERREIRA, D. Território, Territorialidade e seus Múltiplos Enfoques na Ciência Geográfica. **CAMPO-TERRITÓRIO: revista de geografia agrária**, v. 9, n. 17, p. 111-135, 2014.

HAESBAERT, R. **Definindo território para entender a desterritorialização**. In: **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, R; LIMONAD, E. **O território em tempos de globalização**. Etc: Espaço, Tempo e Crítica, Niterói, UFF, v. 1, n. 2, p. 39-52, ago de 2007.

KOFES, S. Categorias analítica e empírica: gênero e mulher: disjunções, conjunções e mediações. **Cadernos Pagu**. Campinas, SP, n. 1, p. 19–30, 2005. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1678>. Acesso em: 10 jan. 2021.

LEFEBVRE, H. **The production of space**. Oxford: Blackwell. 3ª ed, 1993.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho - ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

MANSO, C. **Goiânia, uma concepção urbana, moderna e contemporânea, um certo olhar**. Goiânia, Ed. do autor, 2001.

MISKOLCI, R. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

NÓBREGA, P. R. C. Reflexões acerca dos conceitos de território, territorialidades e redes para o ensino de geografia. **Revista de Ensino de Geografia**, Uberlândia, v. 4, n. 7, jul./dez de 2013.

PAULA, F. M. de A. CORRÊA, E. A. L. ; PINTO, J. V. C. **O papel do Setor Campinas na formação da centralidade polinucleada de Goiânia**. Porto Nacional, 2005.

PEREIRA, P. P. G.. A teoria queer e a reinvenção do corpo. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 27, p. 469-477, dezembro de 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332006000200020&lng=en&nrm=iso>. acesso em 08 de julho de 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332006000200020>.

PILE, S. ; KEITH, M. **Geographies of resistance**. Nova York: Routledge, 1997.

PRECIADO, B. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2015.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria França. São Paulo: Ática, 1993.

SALIH, S. **Judith Butler e a teoria queer**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017.

SAQUET M. A. **Abordagens e concepções de território**. 2ª ed. São Paulo: Exp. Popular, 2010.

SOUZA, M. L. **O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento**. In CASTRO, I. et al. (org.) **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SPARGO, T. **Foucault e a teoria : seguido de Ágape e êxtase: orientações pós-seculares**. Tradução Heci Regina Candiani. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

TEIXEIRA, M. A. A. **Presença incômoda: corpos dissidentes na cidade modernista**. 2013. 126 págs. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Arquitetura, Universidade de Brasília, 2013.



Recebido em 10/01/2021
Aprovado em 15/05/2021